



João Okret, da Korn/Ferry, diz interessado à partir do início de ano

O sonho dos estrangeiros em ser chefe no Brasil

Imagem do país como terra de oportunidades profissionais, reforçada pela crise econômica mundial, atrai executivos de todas as idades

Mariana Cello
mcello@brasil.economico.com.br

Na sexta-feira, 26 de março, as 10h35 da manhã, João Okret, sócio da Korn/Ferry, empresa global de gestão de talentos, recebeu o e-mail mais recente de um estrangeiro em busca de uma oportunidade para trabalhar no Brasil. Segundo ele, até o momento, cerca de dez profissionais de outras nacionalidades (muita de quase um por semana) o procuraram este ano em busca de colocação no mercado de trabalho brasileiro. "É uma situação inédita, pois não existia outro momento em que vi interesse

dessa forma", afirma. Diferente dos imigrantes do século XXI são em número menor, mas com qualificação, especializada. João Holsztin, presidente do International Executive Search Federation (IESF), entidade que reúne empresas de headhunter, declarou no Encontro das Américas, realizado pela Case Consultores na última semana, em São Paulo, que cerca de 20 profissionais estrangeiros de alto escalão procuraram interessados em possíveis ocupações no Brasil apenas em 2010. E se engana



"A imagem do Brasil como terra de oportunidades profissionais para o alto escalão vem sendo fortalecida nos últimos anos, porém ganhou maior peso com o fortalecimento dos Brics e após a crise financeira"

quem pensa que o interesse parte apenas de profissionais jovens e recém-formados. Okret conta que profissionais de cargos de alta gerência também querem vir para o país. "Fui procurado por um presidente de empresa global na área de tecnologia, que reside nos EUA, com filhos crecidos, que buscava uma posição no Brasil", afirma. Além do grau de formação, a diversidade também está relacionada aos países de origem. "A busca acontece principalmente por parte de empresas de países desenvolvidos, especialmente holandeses e belgas", diz Gladys Zimczewski, sócia da AZZ

Consultores, especializada em pesquisa para posições de alta gerência. O headhunter Norman Lebeck, da consultoria canadense Mandrake, conta que em 2009, dos 4 mil entrevistados para os quais perguntou "em que outro país do mundo você gostaria de trabalhar?", pelo menos 50 deles responderam "Brasil" em primeiro lugar. "Oportunidades Internas" A imagem do Brasil como terra de oportunidades profissionais para o alto escalão vem sendo fortalecida nos últimos anos, porém ganhou maior peso com a consolidação dos Brics (grupo

formado por Brasil, Rússia, Índia e China) e após a crise financeira", diz Silvana Case, vice-presidente da Case Consultores. Desta forma, para as empresas que estão no Brasil, também é momento de oportunidade avalia Okret. "Para as empresas, quanto mais talento melhor, e se dispõem a buscar em um conjunto mais amplo, as chances de encontrar e ter sucesso são maiores", afirma o sócio da Korn/Ferry. Os analistas apontam o Brasil como um país com potencial de crescimento a curto e médio prazo, os executivos estão otimistas e empresas precisam de estrangeiros de formação específica e

capacitados, mas para Okret os profissionais brasileiros não precisam ficar alertas, por enquanto. "Não estamos tratando de uma invasão de estrangeiros no mercado, mas de algumas demandas específicas. Eles têm a dificuldade de adaptação cultural, da língua e de questões burocráticas", afirma. Para solucionar alguns desses problemas, a consultoria GoingPlaces, que faz adaptação cultural de estrangeiros no Brasil, atua para auxiliar profissionais durante essa fase. "Fazemos workshops para ajudar na compreensão e na comunicação", diz a consultora Vivian Leite. ■

O caminho para trabalhar no Brasil

Para conquistar uma vaga no mercado de trabalho brasileiro, os profissionais estrangeiros, que não são de países sul-americanos, precisam compreender funcionamento de curso universitário e um ano de trabalho formal ou então, pelo menos, nove anos de formação e seis de experiência profissional. "Esta forma exige que o estrangeiro tenha como pré-requisito a qualificação profissional", afirma a advogada Zaira Ajud, da Agence Consultoria Jurídica. "O trabalho e formação devem estar reconhecidos ao que se fez no Brasil", diz. Segundo a advogada, os vistos de trabalho são solicitados na coordenação geral de imigração do Ministério do Trabalho e Emprego pela empresa contratante no Brasil. "Nesse caso o visto não é do profissional, mas da empresa", afirma Zaira. Outra opção seria o próprio profissional solicitar seu visto como investidor no Brasil. "O profissional constitui empresa no país com investimento mínimo de R\$ 50 mil e apresenta um plano de negócios para o ministério de como esse investimento será usado", diz. As leis brasileiras que tratam de imigração (Estatuto do estrangeiro de 1990 e resolução do Conselho Nacional de Imigração) são consideradas coerentes pela advogada, se comparadas a de outros países. "Acho as regras equilibradas. O Brasil faz a cada período aprovação de dez anos uma análise para regularizar estrangeiros legais, além de acordos com Mercosul para facilitar vistos de residência", afirma.

MBAs mistos atraem os executivos

Cursos internacionais fazem diferença no currículo, mas não são suficientes para profissionais.

A dúvida entre fazer um curso de especialização no Brasil ou no exterior é frequente. E vem à tona a oportunidade de fazer quando os profissionais estão em momentos importantes na carreira e não querem abandonar o emprego, mas ao mesmo tempo também não querem deixar de fazer uma inserção em outra cultura. Essa dúvida tem ampliado o interesse de profissionais por cursos que oferecem cursos no Brasil, mas com a possibilidade de fazer algumas disciplinas no exterior em períodos mais curtos. Para Selma Paschilin, diretora da Human Capital Consultores Associados, os cursos mistos são uma boa alternativa para esses profissionais. "Faz muita diferença ter a vivência internacional, mas se ela puder ser balanceada com a possibilidade de participar também do atual momento econômico do Brasil e o ideal", diz. O curso deve ser escolhido de acordo com os objetivos do profissional e sua disponibilidade financeira. Na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), o aluno pode escolher se faz ou não parte do curso em outro país. Segundo o professor, Edson Cereschini, também membro do conselho da Associação Nacional de MBAs, o interesse está cada vez maior. "A medida que o Brasil vai se inserindo no mercado internacional, o interesse (no curso misto) cresce acompanhando".

Embora o contato com executivos e professores de outros países e empresas seja enriquecedor, ele não é garantia de sucesso na carreira

A Insper também detecta a maior demanda, segundo Sílvia Laban, coordenadora do programa MBA Executivo da escola, onde o curso é oferecido, nesse modelo, pelo segundo vez. "Estamos detectando maior manifestação de interesse entre nós, mas temos consciência de que não é uma decisão fácil pois envolve outras variáveis, como custos, agenda e todo um processo de planejamento", diz. Nos cursos de MBA executivo da Fundação Instituto de Administração (FIA), todos os alunos têm que fazer pelo menos duas viagens ao exterior como parte do curso. "Os destinos são Estados Unidos, China, países da

Europa e Índia, incluída em 2010 pelo interesse dos alunos em conhecer os negócios do país", afirma James Wright, coordenador do MBA executivo internacional da FIA. "Os alunos estão valorizando mais esse tipo de curso porque as empresas têm buscado executivos globais que sejam capazes de atuar em empresas internacionalizadas", diz Wright. Embora o contato com executivos e professores de outros países e empresas seja enriquecedor, Selma destaca que ele não é garantia de sucesso na carreira. "Não podemos simplificar, pois o sucesso profissional depende ainda de características individuais, habilidades e de quais são as fontes motivacionais de cada um." ■ M.C.

ADAPTAÇÃO

- Para Vivian Leite, da GoingPlaces, fazer a adaptação é fundamental, mas não basta para entender a comunicação.
- Estrangeiros trabalham com metas estabelecidas, geralmente precisam de prazos mais definidos.
- Segundo Vivian, os estrangeiros têm expectativas de que a relação nas empresas no Brasil sejam semelhantes a de seus países de origem, desconsiderando a realidade multicultural.